

## escrito 26

### CARTA À ESCOLA DA MINHA FILHA, CLARO, E AOS AMIGOS

Na verdade, a escola não tem nada a ver com isso. Tudo o que querem saber é como são lindas as famílias, e colocar isso em um quadro em exposição nos dias comemorativos, que além de educativos arrecadam algo mais. O problema é que não lhes ocorre que há outras ideias sobre beleza, família, sociedade e há desconforto com aquele ideal de um bando de pais como focas vaidosas de seus filhos, fazendo aquele barulho de foca nas festas movendo-se sobre o gelo do comum.

Este não é um texto escrito para pessoas que não erram, que acertando sempre são maravilhosas como se vivessem em um lançamento permanente de Hollywood sem a tragédia humana dos estúdios, que vivem sem questionamentos de si e com plena aprovação de todos, que têm uma clara visão do mundo e sabem bem o que é melhor para todos os outros. Como se alguma mágica que nunca acontece estivesse sempre por se realizar sem o incômodo dos Merlins que se ocultam nas florestas proibidos senão como aparições.

Também não é para pessoas que não guardam segredos seus e de outros, que não guardam em si locais inexplorados e alguns mistérios, que estão sempre impecáveis ou assim fazem parecer. Não, este não é um texto para pessoas assim. É um texto apenas para as pessoas que passam por momentos difíceis, de confronto consigo e diante dos outros, que têm dúvidas e sentem a incerteza. Que conhecem os limites não como placas de aviso em um vídeo de treinamento para direção segura - daqui a um quilômetro fronteira... - mas os conhecem como limites fluídos pelos quais transita a alma e o corpo, o ser.

Penso que os momentos difíceis às vezes brotam em nós, alguns de nós, mesmo que tudo ao redor pareça bem, porque talvez sejam gestação de anos. Por vezes parece que derivam das circunstâncias, mas se observarmos bem, carregam uma série de questões adormecidas no sono da consciência, que falam por essas oportunidades seu velho discurso.

Sim, algumas vezes, coisas adormecidas mostram-se ativas, como se tivessem vida própria, capturando os acontecimentos e capturando-nos neles, atordoando os sentidos e subjugando-nos, como se o presente já houvesse existido em algum lugar remoto, de onde forças invisíveis desenhassem movimentos inevitáveis.

Nessas horas parece que todo o esforço tentando atingir metas ao longo de anos é injustiçado pela consciência de que não se pode atingi-las, senão com muito e por vezes desmedido esforço pessoal. Aí vem a ideia de que esses anos não entenderam umas partes de si, nem sempre as mesmas. Fantasmas vestidos no espectro de culpas a aprisionar num contínuo o que já foi. O que já foi persiste e renova-se. O que é logo será acasalamento com o passado, do qual emprenha o futuro ainda incerto, e na névoa nos vamos com os mapas rudes do que sabemos.

Os fantasmas. Os vivos brindam-nos com correntes e cadeados, acusações atiradas à face que atravessam a alma, entrelaçando-se com aquelas que cada um mesmo se impõe. Acusações cheias de razão na verdade são apenas um desejo - por vezes mesquinho, por vezes doído - de devorar, de possuir o outro no momento de perdê-lo. As pessoas fazem isso, não porque queiram. Também fazemos. Fazemos tantas coisas que certamente se percebêssemos melhor, deixaríamos de fazer.

Isso já é crescimento.

Claro, esses mesmos anos em que coisas arrastam coisas, em que o presente defronta-se com as fronteiras, novas paisagens apresentam-se ao olhar, ao coração sedento, ao aventureiro errante que não podendo retornar senão nas lembranças, segue seu destino de perceber quando o oriente torna-se ocidente, e convida novamente o oriente. O que para uns são limites, para outros são fronteiras. É necessário amar, acima de tudo amar, os amigos e amigas, os amantes no jardim de sonhos e delícias e esperar a prometida que tem as chaves dos lugares proibidos. Diluindo-se na lembrança de sua presença já opaca certamente foram-se anos de crescimento, desvelamento que talvez em um momento crítico excepcional encontrem a oportunidade arriscada e necessária de uma nova síntese importante.

Isso já é esperança. Esperança...

Há momentos em que não podemos nos esconder atrás do conforto do eles, nem mesmo do nós. Há que ter coragem e desprendimento, reconhecer o aprisionamento de si na liberdade de expressão como oferta ao que cada um no íntimo partilha em secreto e tornar-se como manifesto, como serviço de um servo que ama a liberdade. Iluminar outros com a busca intensa de luz em meio a densa escuridão, e uma brecha que resplandece perfurando miríades no infinito. São os impasses que vivo intensamente, por razões que talvez

me escapem, outras que percebo, que estão na origem de um enorme risco, ou da possibilidade de crescimento humano. Cada um saiba de si, narrarei meu desafio, meu perigo, minha esperança. Se não os tem, não incomode-se com os meus.

Ou os ocultarei, rodeando como quem aporta com cuidado, narrando toda a perícia do navegador mas deixando invisíveis os rochedos que arrastam-se em um solo movediço sob a água lodosa das correntes que convidam o barco a experimentar o fundo fugidio.

Lembro de alguns momentos difíceis. Certa vez, cerca de 10 anos atrás, passei um momento de enorme densidade e aflição, mas tinha uma única causa, uma paixão. Ou, pelo menos, eu só via isso. Um pouco antes, alguns anos antes, quando separei-me após 12 anos de sonho praticado, iniciou-se um processo de desagregação e paixão desenfreada, o mundo saiu de lugar e fui meu próprio Galileu jurando que a terra desloca-se, e pior, meu próprio Kerouac enchendo de bezendrina vinícola, confissão, poesia a alma até sua dissolução. Mas até onde me lembro, minha percepção era toda pelo presente. Antes disso, houve, é claro, muitos outros momentos densos, mas eram pontuais, dificuldades muito doloridas como a perda de um filho na gravidez, ou situações comuns da vida a dois, problemas financeiros e essas coisas. A aflição é uma parte possível da nossa existência. A verdade também. O nascimento também que gera lindos seres com um destino que tecerá suas entranhas com as nossas, e ao mesmo tempo de todas elas sacudirá o jugo em busca do próprio.

A verdade.

O amor.

Esta é a parte verdadeiramente difícil. O que vivo hoje, aos 52 quase 53 anos, ainda que momento passageiro, vem prenhe de tudo o que é definitivo, de tudo o que foi, tudo o que poderá ser, este o sentido da gênese, do criativo, no nascer em crescimento contínuo. É passageiro porque é etapa necessária para o crescimento e a sensibilidade, não só consigo mesmo, mas também com os outros, esse desafio para o qual nunca teremos caminhado tanto quanto a potência e a necessidade humana iluminam e convidam. É parte de processos que direcionam a uma adesão mais significativa ao mundo e à existência. Mas tem seu risco, e todo risco real é enorme.

O que vivo, esse momento cheio de permanência, medo, desejo e promessa, pergunto-me, se não será uma perda do amor, do horizonte, ao mesmo tempo uma perda da coesão, um esfacelamento, ou o peso do olhar direto para o que foi e o que fica no presente. Presente, não é dádiva, é sedução. Talvez, causado, curiosamente, por toda minha extensão, todos os meus tempos subterrâneos.

Esfacelamento e síntese então! Síntese então! Destruição e harmonia, vitoriosa sempre a harmonia mesmo quando impregna a destruição, mesmo quando aninha-se na alegria que tão bem conhecemos e desejamos.

É, porque no acúmulo da vida, as coisas para se expressar tornam-se multiformes, e informes, ora uma, ora outra, ora ainda outra, novamente uma, que vão formando-se ou agregando-se como uma coleção de possibilidades, dores, expectativas, nem sempre nítidas. Vamos arrastando-as todas, expostas com ambiguidade como um museu nômade de si, aberto à visitaçao do acervo aqui e ali. Mas a totalidade do acervo permanece desconhecida na sua catalogação, pois só pode ser conhecido através dos projetos que lhe iluminem faces possíveis, jamais integrais.

Voltando, voltando. Reviver as dores de sempre, com uma consciência quase nítida de que não é só o presente. Densidade e nitidez são coisas difíceis de caminhar juntas.

Contradições tão árduas de viver agora me cobram um novo posicionamento, um olhar para as dores que causei, para as dores que acalentei, para aquelas que me apanharam o passo na corrida fazendo-me rodopiar no ar sem saber se era chão. Para aquelas que fizeram minha afetividade em frangalhos. Um resgate difficilimo de mim mesmo, talvez uma nova atitude (se entendermos atitude como colocação diante da existência e não como evento).

Talvez não haja cura para o que cada um de nós carrega, talvez nem mesmo superação. O que pode ser que seja possível seja a atitude, escolha, decisão, posicionamento. E então desconstrução, construção do presente, que diante de uma consciência extremada jamais será aceito como amenização do subterrâneo, como oscilação entre os extremos, terá que ser mais sólido e criativo, mais eficaz e lúdico diante dos acúmulos contraditórios da vida e do ser. Mas no calor do momento é difícil ver isso. Exatamente porque um paliativo não me diz nada. Não quero paliativos, mesmo que um olhar prolongado e difícil se imponha. É

necessário ter coragem, que nunca parece suficiente diante do ser desnudado. A vergonha da nudez é o encontro da razão, e sua denúncia.

E não me importa se passo noites desenhando e escrevendo, afinal meus produtos não são processos de busca intensa, não quantificáveis, imaterial agregado evanescente no material?

As palavras, sobretudo as escritas em prosa, são assim, insuficientes, parciais, fugidias naquilo que tocam. Mas queria escrever algo que brotasse como ramos da experiência inconclusa, como frutos que se oferecem ao ar e aos ciclos da vida. Ninguém é a solução ou a causa das dificuldades de outro, nem por elas pode ser responsabilizado, senão em casos extremos como a violência, a maldade, a sacanagem. O que podemos ser uns dos outros não é causa, culpa ou conclusão, é ser amigos. Se por alguma razão estamos próximos no momento exato em que a encruzilhada se desenha e se impõe, e se desenhemos juntos alguns sonhos, e suas impossibilidades, ainda assim ninguém pode responsabilizar-se pelas ações do outro, nem responsabilizar outrem pelas próprias, ainda quando interajam, pois não há vida sem interação e consciência sem escolha e falibilidade mútuas, fragilidade. O encontro é sempre mútuo, muito além do dito, do sabido, do visto, a consciência vê além dos olhos, vê coisas que não se dirão, vê coisas que existem em estado de quase inexistência.

Aliás, a tenacidade da vida revela-se por toda a parte na sua fragilidade. Ninguém poderá sustentar outro o suficiente. Não é seu movimento e desejo que move o outro, ainda que inexplicável e sofrido, porque algumas vezes é necessário cair para querer levantar, perder o equilíbrio para entender o equilíbrio, correr o risco para inventar a "técnica" que transforma a necessidade em possibilidade e destreza, estancar para saber novamente o gozo de fluir. É necessário sangrar. Há, é verdade, a queda no precipício que é negação, entrega, rendição à morte, ainda que lenta, ou agônica, e mesmo quando podemos ajudar, ou sermos ajudados, o campo essencial ainda reside na disposição falível de cada um. Por isso agradeço o carinho e a amizade, a presença, a verdade dos que me cercam.

Ninguém pode cobrar do outro o amor, porque o amor flui pelos olhos, pelos dedos, pelos poros, sorrisos e lágrimas de que somos tecidos no mundo, diante dos outros, com o mistério adicional de ser o amor também uma eleição voluntária, com o sabor do destino, que ao nos colocar no outro nos desvenda a nós mesmos como sensibilidade. Mas enfim, é também a única coisa que não se pode pedir, esse amor que entrelaça seres e corpos.

Cada um terá que sustentar a si mesmo. Mas também é verdade, e tão importante, essencial, que existimos com outros. O "si" só existe entre os outros ("sis"), e então desenhos que podem ser maravilhosos são possíveis.

Quem sabe, você ainda possa repartir seu amor, quem sabe. Quem sabe, nestas trevas em que enveredei, ainda possa, ou novamente possa, repartir o meu. Foi bom ter escrito essa última frase, pois não posso negar que reparti meu amor, é bom ver isso. Cuidar, mas permitir-se cuidar também. Nunca aprender o suficiente, aprender coisas lindas com gente linda e então doá-las com liberdade. Resgata-me da ilusão de que meu amor é impossível. Na verdade, amar é a natureza da minha intensidade, é o meu canto livre e o fluir suave do rio. AO AMOR, QUANDO É SUAVE, QUANDO NOS CONSOME!, escrevi em 1999 mergulhado em um oceano de fortes correntes, frias, escuras, e nessas horas olhamos as bolhas que sobem como quem olha para o céu ainda invisível. Mais importante do que não doer, é amar. Triste só quem não ama. Mas às vezes parece que o amor mudou-se para longe.

Na verdade estamos amando o tempo todo, embora nem sempre deixando sua realização acontecer.

Nunca aceitei bem a distinção que se costuma fazer entre amor e paixão, porque isso torna a paixão mórbida e a paixão parece tão bonita que o amor sem paixão ainda seria amor? Mas, sendo palavras tão distintas, faz sentido que intuem momentos diferentes das mesmas coisas? Certamente diferi-los apenas pela intensidade e durabilidade é uma forma de pouco saber de um ou de outro, é estereotipar moralidades ou escusas. E assim, também crio uma distração especulativa ao falar do amor, para que sua presença - amor - só se imponha se de fato assim se queira.

Normalmente a imagem da angústia são portas fechadas, a minha são portas abertas para a escuridão. Preciso achar as janelas que me permitam ver a luz do sol entremeando-se na longa noite de vigília, perceber a ilusão dessas portas como estão se apresentando, pois não são todas iguais. Certamente haverá aquelas que levam a outros cômodos, e talvez então às penumbras do caminhar, aos sustos e temores da memória dos lugares proibidos. Também aquelas que levam a salas abertas a jardins de sabores odores e tatos, a portões-portais, muros que indicam além um horizonte, uma cidade, movimentos de ir e vir com espontaneidade e não como uma jaula.

Se abrirmos essas portas apenas à noite, sem luar e sem estrelas, sentiremos o tato da escuridão, como o hálito de um convite maldito.

Mas não podemos caminhar antes de defrontar essa escuridão, quando parece um império. Ir e vir pela nossa casa e nossa cidade, como metáforas abrindo nossa intimidade e entrelaçando mundos, é a promessa de acontecer com liberdade e alegria, mas nem sempre pode ser assim. As coisas estão entrelaçadas, não são binômios, é no emaranhado do possível que fazemos as escolhas, que inventamos o útil e o saudável, o insano e o inevitável. Ao descobrirmos que tudo é invenção, nos ferimos no emaranhado espinhento dos cipós. Às vezes, gravemente. Venenosamente. Alucinogenamente. Como quem busca a cura. Tanto se quer a dor como a salvação, a derrota quanto a coragem, o ferir-se quanto o caminhar em pureza. Rever minhas dores é uma oportunidade necessária para a consciência do caminho, ainda quando coloque o caminho em risco. Fugir quase nunca é alternativa, é adiamento.

Seja lá como for, as palavras da prosa têm seus limites estreitos, mas se verdadeiras, um oferecimento do coração.

Euler Sandeville Junior, São Paulo, 26/04/2010, 07:40 a 09:10; 26/04, 22:36 a 23:26, 01/05 22:00-22:56, 08/05 03:40-04:43